



Representantes do grupo de sem terra: encontro cercado de sigilo, após muita negociação.

Um pedaço da selva amazônica a 102 quilômetros de Marabá (PA) está abrigando, há pelo menos nove meses, um grupo armado auto-estimado em 400 homens e mulheres. Eles — que se dizem posseiros sem-terra — invadiram a área de reserva florestal da Fazenda São José, propriedade da Companhia Siderúrgica do Pará (Cosipar), controlada pela holding Costa Monteiro Participação. O presidente da Cosipar, Luiz Carlos Monteiro, refere-se ao grupo com as palavras "invasores", "bandidos" e "assassinos" — e acusa seus integrantes de terem matado, com um tiro na cabeça, em 12 de janeiro deste ano, o funcionário João Bulhões Luz. Afirma, também, que os "bandidos" balearam o cabo Adão, da Polícia Militar de Marabá.

Os invasores negam o ataque ao policial e insinuam que o funcionário morto era um pistoleiro da Cosipar. O JT apurou que a seção de informações da 23ª Brigada de Infantaria da Selva, instalada no quilômetro 8 da Transamazônica, está acompanhando de perto a movimentação dos invasores dentro da floresta. Aparentemente o grupo não tem qualquer vinculação com organizações políticas ou sindicais. Parte dele — a linha de frente que comandou a invasão — provém do município de São Geraldo do Araguaia, região em que a luta pela terra atingiu o maior nível de organização no sul do Pará.

O JT conseguiu entrevistar sete representantes do grupo — numa clareira em frente à picada que leva à floresta. Foi necessária a intermediação demorada do "gato" (empregado de peão) Antônio de Oliveira Costa, que há meses vem trabalhando em uma fazenda vizinha à área invadida e por isso conhece alguns deles. Oliveira mandou o carro da reportagem parar

# GRUPO ARMADO OCUPA ÁREA NO SUL DO PARÁ

Há nove meses, grupo auto-estimado em 400 homens e mulheres ocupa área de siderúrgica na região de Marabá.

a 100 metros da clareira. Caminhou até lá, entrou na mata, conversou com os sete. Depois de 45 minutos, deu um grito autorizando a aproximação.

Os sete estavam sentados em cima de um tronco — todos arma-

dos com espingardas de um cartucho, calibre variando entre 12 e 38. Eles se recusaram a dar os nomes e a serem fotografados de frente. Deram apenas os apelidos: Dezesseis, Cariri, Pai da Munha, Pai da Mata, Cunhado, Diga e

Canela, idade variando entre 26 e 52 anos. Todos com aparência paupérrima e sofrida de quem vive na mata. Cariri morreu com um tiro accidental na virilha — esbarrou na arma carregada — uma semana depois da entrevista. A in-

formação foi passada pelo telefone por Dezesseis. "Nós andamos 30 quilômetros com ele na rede, para enterrá-lo em São Geraldo", disse. Cariri chamava-se Orestino Santos Lopes. "Agora que ele morreu eu posso dar o nome",

afirmou Dezesseis.

Ele, Pai da Munha e Pai da Mata foram os que falaram mais. Disseram que a área invadida tem 400 homens e mulheres — "daí pra mais". Foram unânimes em afirmar que não saem da área de forma alguma — e que cada um dos 400 carrega uma cartucheira. "Ou é a terra ou é a vida", disse Pai da Munha. "É melhor morrer com uma bala na barriga do que morrer de fome", afirmou Pai da Mata. Dos sete, três são analfabetos e quatro estudaram alguns anos de curso primário. Todos são casados e têm filhos — 19 no total. "Nós andamos armados pra se defender da pistolaria", disse Dezesseis. Os sete acusaram soldados da polícia e pistoleiros da Cosipar de terem torturado um companheiro deles, de nome Luis. A empresa nega que tenha pistoleiros (veja no box).

O vizinho mais próximo da área que o grupo está ocupando — também conhecida como Centrao — é o oftalmologista José Nicomedes, dono da Fazenda Marialva, que faz fronteira com a Fazenda São José. Nicomedes contou ao JT que a invasão começou no ano passado e que já houve conflitos entre os posseiros e a empresa. Ele disse que nunca foi incomodado pelo grupo, mas afirmou que dois outros vizinhos já tiveram problemas. Um deles, Mauro Monteiro, funcionário da Cosipar, foi obrigado a vender uma fazenda de sua propriedade. Outro — Ricardo, gerente de uma fazenda na região do Alto Bonito — teve um filho baleado. O JT não conseguiu localizar os dois. Segundo Nicomedes, o grupo de invasores "é uma mistura de muitas coisas, com gente de todo tipo". Mas ele não observou nada que possa caracterizar a atividade do grupo como política.

**Luiz Maklouf Carvalho**

## CONTRAPONTO

### Empresário diz que tática é acuar grupo, sem "uso da força".

"Resistência chinesa". É esse o nome que a Cosipar está dando à sua tática de luta para retirar os invasores da Fazenda São José. "Não vamos usar a força", diz o presidente da empresa, Luiz Carlos Monteiro. "Será uma resistência branca, até eles se verem cercados e se sentirem obrigados a sair". Monteiro nega que a empresa tenha contratado pistoleiros e cometido violência contra o grupo. Mas admite que um funcionário — Djalma Guimarães — agiu dessa forma. "Foi demitido na hora em que soubemos".

A Cosipar — uma siderúrgica à base de carvão vegetal, com produção de 200 mil toneladas/ano — pertence à holding Costa Monteiro Participação, com matriz no Rio de Janeiro e experiência nos ramos siderúrgico, hoteleiro e de mineração. Instalada em Marabá desde 1985 — com projetos aprovados pela Sudam, pelo Inbra e pelo Ibama —, é proprietária de um complexo de cinco fazendas, num total de 24 mil hectares, parte deles destinada a projetos de reforestação. Seu presidente diz que até aqui já foram investidos US\$ 5 milhões de um total de US\$ 32 mi-

lhões (US\$ 20 dos quais em incentivos fiscais).

A área invadida fica na divisa entre as fazendas São José e Jatobá e faz parte da reserva florestal exigida pela lei. "Eles não são posseiros", diz Monteiro. "São invasores interessados em retirar madeira, bandidos e assassinos que já mataram um funcionário meu". Segundo o empresário, a Cosipar está de posse de um mandado judicial de reintegração (que determina a retirada dos invasores) desde janeiro. Houve uma tentativa de cumpri-lo, mas os policiais tiveram problemas. "Eles feriram o cabo Adão,



Monteiro: "resistência".

# 'SEM TERRA' DIZEM QUE VÃO RESISTIR

Lema do grupo é "a terra ou a vida"

Alguns trechos da entrevista com integrantes do grupo:

**Há quanto tempo estão aqui?**  
Dezesseis — Há nove meses.

**Como é que foi essa ocupação?**  
Dezesseis — Aqui veio gente de várias partes.

**Quantas pessoas estão aí dentro?**  
Dezesseis — Ninguém sabe a quantidade certa, porque tem gente que eu nem conheço. A gente fica numa parte e os outros em outra parte.

**Quantas crianças estão dentro da mata?**  
Dezesseis — Nenhuma. Vive tudo na cidade, nos domicílios.

**E mulheres?**  
Dezesseis — Mulher tem.

**Quantas?**  
Dezesseis — Não tenho base.

**O movimento tem um nome?**  
Pai da Munha — É movimento dos sem-terra. Fomos tocados pela inflação. A gente trabalhava na agricultura, atravessando quatro, cinco quilômetros de braquiário na fazenda alheia. E no fim ainda não podia colher o arroz porque o fazendeiro tocava a bicharada dentro e comia o arroz da gente todinho. Não podia produzir, não podia plantar nada. Aí nós resolvemos entrar.

**Qual seu objetivo aqui dentro?**  
Pai da Munha — É terra. Tra-

balhar e criar minha família. Ter a minha roça, a minha propriedade.

**Por que escolheram essa área?**  
Pai da Munha — Porque é uma área muito boa de produção.

**A Cosipar afirma que vocês não querem a terra — que querem apenas a madeira, para depois vender e invadir outra propriedade.**  
Pai da Munha — É mentira. Tanto que nós já estamos trabalhando, com roça plantada.

**Quais são os riscos que vocês estão correndo?**  
Pai da Munha — Nós corremos risco se o governo liberar a Polícia Militar para vir contra nós. Mesmo assim a gente morre e não perde o arrego da terra.

**Qual é a disposição de vocês?**  
Pai da Munha — A terra ou a vida.

**Qual é o armamento que vocês estão usando?**  
Pai da Munha — Nós usamos espingarda mesmo. Cartucheira.

**Quantas armas vocês têm para tentar resistir nessa terra?**  
Pai da Mata — Não são as armas. É mais a nossa coragem.

**Mas as armas ajudam, não?**  
Pai da Munha (risos) — Ah é. Porque sem armas nós não podemos matar uma caça pra comer.

**Como vocês vão reagir se a polícia vier aqui tirar vocês?**  
Pai da Munha — Nós toma-

mos o nosso jeito aqui, porque sair nós não saímos não.

**Cada um dos homens que estão na mata tem a sua defesa?**  
Pai da Munha — Cada um tem a sua defesa.

**Vocês não têm medo de morrer?**  
Pai da Munha — Na realidade nós temos. Mas na condição que nós estamos é melhor morrer com uma bala na barriga do que morrer de fome.

**Como é que vocês vivem?**  
Pai da Munha — Dentro da mata mesmo.

**Cada um tem um barraco?**  
Dezesseis — Nós dormimos na folha mesmo, nos pés de pau, por causa de um inimigo vir lá de fora e querer atingir a gente.

**Pai da Munha — Nós vivemos nos pés de pau com medo. Porque três vezes nós tiramos os trabalhadores deles daqui. Aí quando eles voltaram pegaram um companheiro nosso, judiaram.**

**Foi judiado pela polícia ou pela guarda da Cosipar?**  
Dezesseis — Pelos pistoleiros.

**O que é que pode acontecer aqui se a Cosipar resolver cumprir o mandado de despejo, trazendo a polícia para tirar vocês? Vai ser uma guerra?**  
Diga — É. Porque sair a gente não sai não.

**Vocês tem um comandante?**

**Dezesseis — Somos nós todos. Tem gente dizendo que isso aqui é um acampamento de guerrilha.**

**Pai da Munha — Não tá certo. E qual é o nome que vocês dão?**  
Pai da Munha — Movimento dos sem-terra.

**Mas é o Movimento dos Sem-Terra organizado nacionalmente?**  
Pai da Munha — Não. Nós estamos lutando de outro jeito. Porque nós já fizemos apelo para o governo e até agora nós não temos resposta nenhuma.

**Quantos quilômetros você anda daqui até a tua roça?**  
Pai da Munha — Dez.

**E como é que chega lá?**  
Pai da Mata — Nas picadas, por dentro do mato.

**E se quiserem tirar vocês daqui na base da violência?**  
Cunhado — Aí a gente vai ver como é que fica. Nós estamos aqui pra morrer ou matar.

**Você não tem medo do que possa acontecer?**  
Diga — Não. O assombro é nos primeiros dias. O tempo vai passando e a gente acostumando com a selva.

**Não tem nem um político dando força pra vocês?**  
Pai da Munha — Até o momento não.

**Como é a organização de vocês dentro da mata?**

**Dezesseis — Fica uns numa parte, outros noutra. É assim, de turma.**

**Quantos são em cada turma?**  
Pai da Munha — Tem turma de 50, turma de 80, de 28, de 30.

**A igreja tem alguma coisa a ver com vocês?**  
Pai da Munha — Não. Isso é estratégia nossa mesmo.

**O PT está apoiando?**  
Dezesseis — Não. Se está nós não sabemos.

**Como é que o Inbra vai vir aqui se vocês estão todos armados?**  
Pai da Munha — O Inbra é sabedor de tudo e é o grande culpado. O Inbra e o governo do Estado, que dão apoio ao tubarão, às grandes firmas. Privar as terras pra ninguém trabalhar e não produzir.

**O que vocês acham quando chamam vocês de guerrilheiros?**  
Pai da Munha — Eu acho uma coisa esquisita, porque eu sou um agricultor.

**A Cosipar afirma que vocês estão aqui para tirar madeira?**  
Canela — É mentira porque magnão aqui não tem. Por prova nós mostramos, porque a fazenda já tirou.

**E se a Cosipar provar que a terra é dela — como é que fica?**  
Pai da Munha — Isso não interessa pra nós.

**Dezesseis — Se ela chegar aqui e mostrar documento aí nós vamos ter que saber se o documento é falso ou positivo.**

**E se for positivo?**  
Dezesseis — O governo tem a possibilidade de localizar outra área pra ela e deixar essa pra nós.

**Pai da Munha — Documento não interessa. O que interessa é liberar a terra para que cada um trabalhe tranquilo.**

**Ficar aqui, então, virou uma questão de honra?**  
Pai da Munha — Virou.

**Cariri — Cada um já tem a sua rocinha e está tudo plantado.**

**O presidente da Cosipar diz que vocês são invasores.**  
Pai da Munha — Invasor é ele, porque é um sozinho e ocupa mais de três mil alqueires de terra.

**Como é que vocês tem dinheiro para comprar essas armas?**  
Pai da Mata — Isso aqui é baratinho.

**Quanto custa uma arma dessas?**  
Pai da Mata — 150, 200 reais. Nós compramos no trambique, de segunda mão. Ou então as pessoas que estão de fora vêm o sofrimento da gente, compram e doam pra gente.

**Tem gente de fora que ajuda vocês?**  
Dezesseis — Tem gente que ajuda nós.